

Queda de árvores cresce 31% na região durante o primeiro bimestre

Queda de árvores cresce 31% na região durante o primeiro bimestre

Grande ABC contabiliza 119 casos; especialista aponta vento, chuva e umidade como causas

RENAN SOARES
Especial para o Diário
renansoares@dgabc.com.br

Cresceu o número de quedas de árvores no Grande ABC nos dois primeiros meses deste ano, em comparação com mesmo período de 2022. Em janeiro e fevereiro, as cidades de Santo André, São Bernardo, Diadema e Rio Grande da Serra contabilizaram 119 quedas de árvores, número 30,8% maior do que o registrado no primeiro bimestre do ano passado, de 91. O município diademense registrou o maior aumento, de 9 para 27, com 200% de variação. O período é marcado anualmente pelas fortes chuvas de verão no Estado de São Paulo.

Em janeiro deste ano, após

temporal, um homem de 54 anos morreu depois de ser atingido por uma árvore que caiu sobre sua casa, na Vila Lucélia, em Santo André.

De acordo com Fernando Ribeiro, professor de hidrologia do curso de engenharia civil da FEI (Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana Padre Sabóia de Medeiros), com o aumento das chuvas, as árvores são expostas à umidade, gerando a presença de fungos que diminuem sua resistência.

“Quando chove, além dessa questão (fungos), temos toda a carga de água que fica nas folhas. Essa mistura, junto ao vento, é a responsável pela queda da árvore. A poda tende a diminuir bastante este risco de queda, programas



FATALIDADE. Em janeiro, árvore tirou a vida de homem na região; queda aconteceu após fortes chuvas



São Caetano e Mauá não informaram | Ribeirão Pires não tem os números

Fonte: Prefeitura

Agência: Fêlix de Aze

de poda evitam que as copas fiquem muito grandes e armazenem bastante água nas folhas ou nos galhos. O mapeamento é sempre bem-vindo

também, para que a vegetação consiga resistir a chuvas intensas e fortes ventos”, afirmou o professor.

De acordo com Ribeiro, pa-

ra combater problemas recorrentes e evitar mortes pelas chuvas, é preciso adotar políticas públicas voltadas para o uso de tecnologias de mapeamento de locais de risco, previsão e simulação de eventos extremos do clima, como a queda de árvores. “Antes de projetos, precisamos de conscientização e conhecimento profundo dos fenômenos climáticos”, disse.

Para o especialista, é necessário buscar históricos de eventos extremos e simular cenários para conhecimento específico dos locais de risco – como a previsão do tempo –, porém, para outras grandezas como precipitação, deslocamentos e saturação em encostas. “Não podemos partir do pressuposto que conhe-

mos bem os fenômenos climáticos somente porque há exemplos históricos. Precisamos de ferramentas para modelagem, simulação e análise que nos possam orientar e mostrar caminhos”.

PREVENÇÃO

Em resposta ao Diário, as Prefeituras da região afirmam que colocam em prática métodos para prevenção de possíveis acidentes relacionados à queda de árvores. O Paço de Santo André disse que realiza constantes vistorias técnicas e, após avaliação, é definida e justificada a supressão ou a permanência das árvores.

Em São Bernardo, o Executivo afirmou que atua diariamente em serviços de podas de árvores e remoções. A Prefeitura aponta que o monitoramento na cidade é feito pelo próprio município, ou órgão municipal, como a Defesa Civil. Diadema respondeu os questionamentos afirmando que vem investindo no cuidado com as árvores, especialmente no serviço de poda. Já em Rio Grande da Serra, a Defesa Civil realiza vistorias em árvores. Na existência de algum risco o Executivo pode fornecer autorização para retirada. Ribeirão Pires não tem dados referentes à queda de árvores. São Caetano e Mauá não retornaram os questionamentos feitos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 1